

# "O FONEMA [λ]: REALIZAÇÕES FONÉTICAS, DESCRIÇÃO E A SUA COMPROVAÇÃO NA FALA POPULAR PARANAENSE"

VANDERCI DE ANDRADE AGUILERA<sup>a</sup>

## RESUMO

*O fenômeno fonético conhecido por despalatalização não tem tido um tratamento uniforme e coerente, por parte dos dicionaristas e lingüistas, quanto à terminologia, à definição, às causas e à exemplificação. Levantam-se, no presente trabalho, os vários enfoques dados pelos principais estudiosos do assunto, mostrando as ambigüidades e dúvidas suscitadas pela realização do [λ] na fala popular. Com base num corpus de dezoito itens lexicais registrados junto a cinquenta e seis informantes, habitantes de trinta localidades diferentes do Estado do Paraná, descrevem-se as múltiplas possibilidades de realização desse fonema, de acordo com a sua fonotática, com a forma do lexema (simples ou composto) e das situações de uso.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Despalatalização; Fala popular; Dicionários; Lingüistas.

## 1 – INTRODUÇÃO

Das pesquisas de campo, para o levantamento de dados, com vistas ao Atlas Lingüístico de Londrina e do Paraná, temos uma série de vocábulos que, na norma padrão, são realizados com [λ], tais como: agulha, alho, bolha, coxinilho, sarilho, silhão, vermelha, zarolho, e que se realizaram em [y, yy, l, ly] agüia, aio/alio; boia/boiia, bolia; coxiniu/cuxunili; sarilu/sirilu, sariliu; sião/siãõ; vermeia; zaroi.

Dada a maior freqüência de uma realização em detrimento de outra, propusemos o presente trabalho com os objetivos de: (1) verificar a explicação dada a tal fenômeno fonético pelos estudiosos mais conhecidos pela autora; (2) verificar a ocorrência do fenômeno em pesquisas dialetológicas no Paraná, e (3) buscar uma explicação para certos equívocos manifestos no tratamento do fenômeno.

Valemo-nos, sobretudo, dos trabalhos realizados por NASCENTES (1953), MELO (1981), ELIA (1979), SILVA NETO (1977), PENHA (1972) e das definições apresentadas nos dicionários de lingüística de CÂMARA JÚNIOR (1981) e JOTA (1981).

## 2 – DESCRIÇÃO FONÉTICO – FONOLÓGICA

O fonema /λ/, em língua portuguesa, ocorre sempre no interior do vocábulo, (normalmente) em posição intervocálica. As poucas exceções, em posição inicial, como em lhano e lhama são empréstimos do espanhol ou, no caso do pronome lhe, normalmente enclítico ou mesoclítico, isto é, — realiza-se como sílaba interna ou final de vocábulo.

A realização do /λ/ é descrita por SILVEIRA (1986). "Consoante sonora, oral, línguo-palatal ou velar (sic) líquida-lateral soante. [fala] — "falha".

"Os demais traços acústico-articulatórios que não distinguem signos, mas que ocorrerão para a manifestação dos sons que realizam [λ] são designados variantes".

Em [λ > Y], temos uma semivocalização, em posição intervocálica: [foya / gayo] "folha", "galho". Para SILVEIRA (1986), tem-se aí uma variante combinatória, com pausa entre as sílabas: [fo ya | foy a], [ga yo | gay o].

Em [λ > yy], observa-se, além da semivocalização, uma propagação: que se constitui numa variante individual sem pausa entre as sílabas [foyya | gayyu].

Em [λ > l] temos a realização alveolar [kulé] "colher" [mulé] "mulher", portanto uma despalatalização do fonema /λ/.

Em [λ > ly] temos a despalatalização do [λ] com a realização do alveolar + iode, reproduzindo uma realização historicamente anterior: miliu > milyu > milho; filiu > filyu > filho. Para a autora mencionada, estas duas realizações do [λ > l] e [λ > ly] são variantes individuais, isto é, unicamente dependentes do falante, sem qualquer ligação com a norma regional ou dialetal, ao contrário das duas outras realizações [λ > y, yy] que são variantes regionais encontradas no dialeto caipira. No entanto, são comuns estas realizações na fala coloquial ou na fala familiar, em expressões carinhosas: "minha véiinha", "o véio": minha velhinha, o velho.

## 3 – OS DICIONÁRIOS DE LINGÜÍSTICA E AS REALIZAÇÕES POPULARES DE [λ]<sup>b</sup>

Buscamos inicialmente em CÂMARA JÚNIOR (1981)

<sup>a</sup>. Departamento de Letras/CCH — Universidade Estadual de Londrina.

<sup>b</sup>. Optamos pelo símbolo [λ] para a representação fonética do "lh". Quando a citação dos autores não coincidir com este símbolo, registraremos tal qual ele se apresenta na obra [l / l].

e JOTA (1981) os verbetes: despalatalização e iodização/iotização, termos usualmente encontrados em PENHA (1972), NASCENTES (1953) e MELO (1981) para a passagem de [ λ ] [ y, yy, ly, l ]. CÂMARA JÚNIOR (1981) não registra os verbetes: despalatalização, ieísmo e ipsilonismo, registrando apenas a iotização como a mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode. Nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas /lh/ e /nh/: mulher > muié; nhonhô > ioiô.

No verbete africanismos, CÂMARA JÚNIOR (1981) define o termo, mas abstém-se de se posicionar com exemplos de iotização. Cita MENDONÇA como um estudioso das influências africanas na fonética e na sintaxe, mas coloca-se à distância.

JOTA (1981) registra despalatalização, iodização, ieísmo e ipsilonismo como fenômenos fonéticos idênticos: muler/muié; dando-os como resultantes do contato com as línguas africanas: africanismos. Coloca no mesmo grupo a despalatalização e a iotização. Em iodização, depois de descrever o fenômeno e exemplificar, remete a ieísmo, que remete a ipsilonismo, onde há toda uma descrição novamente nos moldes do que fora feito em iodização.

Não consta de tais dicionários o verbete desconsonantização, citado por PENHA (1972) e o verbete desfonologização ELIA (1979); consta de JOTA (1981) mas sem referência à passagem de [ λ ] > [ y ] ou [ l ].

Por remissão dos citados dicionários, procuramos, a seguir, africanismos, ieísmo e ipsilonismo.

### 3.1 – Despalatalização

O verbete não consta de CÂMARA JÚNIOR (1981). JOTA (1981) registra:

“**Despalatalização** – s.f. Perda da palatalidade de um fonema. O fato não é raro em linguagem descuidada de alguns, que mudam o NH ou LH por N ou L antes do E ou I: companhia (por companhia), muler (por mulher). Em camadas rurais é comum [ véyu ] (vêlho), [ muyé ] (mulher) etc. Fato, para nós, apenas fonético; no esp., fonológico, na passagem, p. ex., de dixo para dijo”.

Como se pode observar, JOTA (1981) não distingue as passagens de [ λ ] > [ y ] e [ l ], tomando-as como fenômenos fonéticos iguais.

### 3.2 – Iodização / Iotização

CÂMARA JÚNIOR (1981) apresenta:

“**Iotização** – Mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode. Nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas /l'/ e /n'/ ex. mulher > muyé/, nhonhô > ioiô (v. africanismos).

Adolfo Coelho chamou por este nome a pronúncia brasileira do /e/ átono final como /i/ em contraste com o /e/ neutro lusitano (cf. Mota, 249)”.

Em JOTA (1981) temos:

“**Iodização** – s.f. Transformação de um fonema em

iode: lactem > leite > leite. No linguajar caipirã (sic) ouviu-se muyé por mulher (iodização do fonema /lh/). A iodização precede a palatalização: lat. milia > milya português milha/. Na linguagem popular, ocorre, por vezes, a troca – /j/ por /y/: hoje. Entre portugueses, intercalação do iode para desfazer o hiato: a y água. V. ieísmo”.

Ambos partilham a mesma definição, em que a iotização representa a passagem de qualquer fonema vocálico – ou consonântico, para a semivogal /y/. CÂMARA JUNIOR (1981) fala em passagem também para “vogal anterior alta /i/” sem exemplificar. Parece-nos, contudo, pela observação dos fatos, que apenas se dá a passagem para semivogal e não para a vogal.

### 3.3 – Ieísmo

Como JOTA (1981) remete para este verbete, lá encontramos: “4. Ieísmo – s.m. O mesmo que ipsilonismo”.

CÂMARA JUNIOR (1981) não registra o verbete.

#### 3.3.1 – Ipsilonismo

Não o encontramos em CÂMARA JUNIOR (1981). Em JOTA (1981) temos: “6. Ipsilonismo – s.m. Conversão do [ l ] palatal na semiconsoante [ y ]. Apesar de recriminado por alguns, o ieísmo ganha proporções na França e Espanha. No esp., palavra como calle tem três realizações, uma das quais com ieísmo: [ calhe ] [ caye ] e [ caje ] (sic). Na passagem do latim para o português, ocorre na fase intermediária, anterior à palatalização: palia > palya > palha. No português contemporâneo, só ocorre em meios incultos: muyé (mulher), fiyu (filho) etc”.

O autor faz confusão entre a definição e a exemplificação. Se ipsilonismo é a conversão de [ λ ] > [ y ], a citação do fato diacrônico contraria a definição, porque ainda não ocorreria a palatal / λ /. Ou a definição está incompleta ou a referência à diacronia é impropriedade.

#### 3.3.2 – Africanismo

CÂMARA JUNIOR (1981) apresenta:

“6. **Africanismo** – Traços lingüísticos resultantes da interferência das línguas africanas em português, especialmente em português do Brasil, onde, com a vinda em massa de negros para escravos, na época da colônia e primeiros tempos da nação se constituiu um substrato (V.) de línguas africanas, especialmente o IORUBÁ, das chamadas línguas sudanesas, no golfo de Guiné, e o QUIMBUNDO do bloco bântu, no sul do continente africano.

No português do Brasil tem-se procurado descobrir a influência africana na pronúncia e na sintaxe (cf. Mendonça, 1933) para explicar certas evoluções peculiares da língua popular e dialetal do Brasil como a iotização (V.); mas é pacífico que não houve empréstimos de fonemas ou de tipos sintáticos. (...)”.

O autor revela-se criterioso ao associar casos de africanismos à iotização, citando Mendonça, mas não tomando partido de tal afirmação.

Em compensação, JOTA (1981) afirma:

**Africanismo** – “s.m. Empréstimo tomado às línguas africanas. No português os africanismos se evidenciam, talvez na fonética (fulô por flor, muié por mulher), mas sem dúvida alguma no vocabulário, onde vigem palavras de origem principalmente nagô (ioruba) e banta, o que fácil se testemunha na culinária nortista, no linguajar da umbanda e da quimbanda, e no folclore”.

Conclusão: Enquanto CÂMARA JUNIOR (1981) denomina a passagem das consoantes molhadas a [ i ] ou [ y ] de iotização e resguarda-se de explicar-lhe a origem, JOTA (1981) denomina o mesmo fenômeno de despalatalização, iodização e ipsilonismo / ieísmo, atribuindo à influência africana, portanto um africanismo, a ocorrência em português do Brasil.

Os verbetes desfonologização e desconsonantização, o 1o. citado por ELIA (1979) e o 2o. por PENHA (1972) não constam de CÂMARA JUNIOR (1981) e em desfonologização, JOTA (1981) não se refere à passagem de  $\lambda > y$ .

#### 4 – AS REALIZAÇÕES DO / $\lambda$ / NA FALA POPULAR NA ÓTICA DE ALGUNS LINGUISTAS.

Buscamos em ELIA (1979), NASCENTES (1953), MELO (1981), CÂMARA JUNIOR (1979) e PENHA (1972) a análise que cada um faz das realizações populares do /  $\lambda$  /.

ELIA (1979) e NASCENTES (1953) separam em dois grupos as passagens de [  $\lambda$  ] > [ i ] e [  $\lambda$  ] > [ y ]: despalatalização e iotização (para ELIA); e despalatalização e supressão do elemento vibrante (lateral) para NASCENTES: navaia, véia.

MELO (1981) fala apenas da semivocalização (ieísmo). Não se refere à passagem [  $\lambda$  ] > [ i ].

PENHA (1972) reúne no grupo de despalatalização tanto reio (relho) como valo (valho).

NASCENTES (1953) considera como despalatalização do [  $\lambda$  ] a passagem para a lateral alveolar [ l ]: velinha, folinha, filinho e explica que “na palatalizada há uma tonalidade de iode. A idéia fônica de iode assimila-se no i homorgânico e dissocia-se da consoante, determinando uma execução na palatalizada”, e conseqüente neutralização. Considera como causa da despalatalização a aprendizagem do fonema de modo deficiente pela criança.

Tal fenômeno (colher > culer, mulher > muler) aparece como norma na classe semiculta, o que na classe inculta se daria por afetação, uma vez que aqui a norma seria cuié / muié.

Não inclui na despalatalização a passagem para [ y ], que o autor trata de “supressão do elemento vibrante, ficando só a semiconsoante que em alguns casos concorreu para a palatalização: navalha – navaia, velha – véia, filha – fia, folha – foia, mulher – muié”, NASCENTES (1953).

MELO (1981) chama de semivocalização ou ieísmo à passagem do l palatal para iode, observado na fala popular de certas regiões do Brasil: “trabayo, famíya, cuyé, paya”.

Em História e Estrutura da Língua – Portuguesa, CÂMARA JUNIOR (1981), refere-se aos casos aio/foia, de alho/folha, como “eliminação dialetal de /l/ intervocálico, como redução a /i/ consonântico”.

PENHA (1972), ao relacionar os exemplos de despalatalização, inclui:

[ yapa ] (ilhapa) [ valu ] (valho) (v.)

[ katroja ] (quatrolha) (vaca)

[ iguala ] (igualha)

[ ruziyu ] (rosilho) (cavalo)

[ li ] (lhe)

[ mayada ] (malhada);

[ reyu ] (relho)

Isto é, não distingue a passagem de [  $\lambda$  ] > [ i ] e de [  $\lambda$  ] > [ y ].

SILVA NETO (1977) chama de iotização à passagem de [  $\lambda$  ] > [ y ].

Conclusão:

Verifica-se a impropriedade de se colocarem no mesmo grupo as realizações do [  $\lambda$  ] em lateral alveolar (velinha < velhinha, culer < colher); em lateral alveolar + iode (pália < palha, fôlia < folha); 3) em iode duplo (boiia < bolha / véio < velho); e 4) em  $\emptyset$  (véa < velha; ia < ilha; fio < filho) uma vez que, embora se dê com o mesmo fonema, cada realização, em particular, se dá: 1. em contextos fônicos específicos; 2. com maior freqüência em determinados vocábulos que em outros; e. em função do falante e da situação; 4. com resultados fônicos diversos.

Exemplificando: 1) a alveolarização simples de [  $\lambda$  ] só se verifica (culer, muler) em certos falantes de origem nordestina ou em formas diminutivas (velinha, folinha) em que a presença de outra palatal / $\lambda$ / favorece a dissimilação, por economia fisiológica. 2) a alveolarização com iotização (pália, véia, álio, ôliu), em nossas pesquisas, foi registrada em quaisquer contextos fônicos: antecedida e seguida de qualquer uma das vogais. 3) a iotização dupla: (bôia, véio) não se registrou em contextos fônicos do tipo vogal alta anterior ou posterior + lh + vogal (\*agúia/míio). 4) a síncope da palatal dá-se quando a vogal antecedente é anterior (véia<sup>c</sup>, oreá<sup>c</sup>, ia<sup>c</sup>, fio<sup>d</sup>, mio<sup>d</sup>), não se registrando nenhuma ocorrência de \*boa < bolha, agúa < agulha, \* ao < alho. 5) a realização como iode simples, verificou-se em todos os vocábulos e mais freqüente nas lexias compostas: piolho-de-cobra, orelha-de-pau, folha-de-laranja.

Considerando-se a natureza dos fonemas resultantes da transformação, conveniente se torna chamar de **despalatalização** à passagem de palatal à alveolar [  $\lambda$  ] > [ i ] culé, mulé, folinha; e iotização ou semivocalização à passagem de [  $\lambda$  ] > [ y ].

Não há qualquer referência, dos autores mencionados, às passagens de [  $\lambda$  ] a [ yy ] ou [  $\emptyset$  ] como em:

bolha > boiia

galho > gaiio

orelha > oreiia/

trilho > tríio / tríio

pilha > píia / pia

c. Em falantes não alfabetizados e de regiões afastadas.

d. Sobretudo em nomes compostos: “mui brançu”, “fíu mais novu”.

## 5 – CAUSAS DA IOTIZAÇÃO E DESPALATALIZAÇÃO

Os autores consultados, de modo geral, não se sentem seguros para estabelecer as causas da iotização, recorrendo a constantes remissões a um e outro estudioso do assunto.

ELIA (1979) baseia-se sobretudo nas afirmações de SILVA NETO (1977) e MELO (1981). Entretanto, coloca assim sua opinião sobre a despalatalização e a iotização:

“Penso que a despalatalização seja fenômeno semiculto, pois, muita vez, se ouve ligeira prolação do R final: mulér”.

“Já a iotização (fio por filho (sic<sup>e</sup>) é fenômeno popular, em qualquer região do país”

Tais colocações, se bem que passíveis de comprovação até mesmo impressionista, não apontam para as causas dos fenômenos em questão.

CÂMARA JUNIOR (1979) apenas lança hipóteses para explicar a iotização do [ λ ] – É igualmente possível que (...) se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo substrato indígena, visto que nas línguas indígenas não há oposição [ l ] – [ r ], e [ λ ], como [ l ] podem ter sido mal interpretados.

MELO (1981) lembra que a semivocalização do l palatal não é um fenômeno específico do português falado pelas camadas incultas do Brasil, mas é registrado também em outras línguas românicas e nos dialetos de Cabo Verde, Guiné e São Tomé, podendo ser, portanto, ou uma tendência das línguas românicas, ou de influência africana. Apesar de alguns tupinistas explicarem o fato pela influência tupi, MELO (1981) inclina-se, seguindo Mendonça, a considerar o fenômeno como de influência africana, baseando-se nas informações de Aires da Mata Machado sobre a maior ocorrência em regiões de Minas Gerais, onde predominou o elemento negro.

NASCENTES (1953) reconhece que o fonema palatal constitui uma dificuldade para a classe inculta formada, em sua maioria, de índios e africanos que não possuíam o lh em seus sistemas fonológicos. Observa a ocorrência de fenômeno idêntico no português peninsular (Barrancos), no galego, no andaluz, no leonês, no asturiano, no espanhol americano, no francês, no provençal, no veneziano, no lombardo, no romeno, no catalão, no judeu-espanhol e no magiar. Atribui tal fenômeno à aprendizagem deficiente do fonema pela criança.

No entanto, apesar de toda esta constatação, não se aventura a dar a última palavra sobre as causas da iotização.

SILVA NETO (1977) é mais categórico:

“Não importa que fenômeno igual ou semelhante se tivesse dado no transcurso da evolução da língua francesa ou de qualquer outra...”

No nosso caso particular e histórico, observamos que os aloglotos (mouros, índios e negros) se mostraram sempre incapazes de pronunciar o lh”.

Contudo adverte: “...há que provar-se, com uma série

de exigências rigorosas, qualquer hipótese que explique por meio de substratos ou adstratos traços fonéticos, morfológicos ou sintáticos do português do Brasil”.

As causas da iotização, da maneira como são apresentadas pelos autores mencionados, parecem estar restritas ou à tendência natural das línguas românticas (razão étnica), ou à dificuldade dos aloglotos em pronunciar um fonema estranho ao sistema fonológico da língua materna (razão étnica, também).

A explicação dada por NOGUEIRA (1958), com base na natureza articulatória do fonema, busca esclarecer de uma vez o problema:

“...o lh (...) não é um fonema simples, mas um composto de l pré-dorso-palatal, e de um i brevíssimo, semivocalico (...)”, isto é, “a articulação do lh requer que o pré-dorso da língua se encoste muito levemente, isto é, com fraca tensão muscular, ao pré-palato, e que o ápice se apóie na face interna dos incisivos inferiores, tal como se procede para articular o i, com a diferença apenas de que para o i, como vogal que é, fica o canal bucal francamente livre para que o ar saia livremente, ao passo que, para o lh, como consoante que é, esse canal fica semilivre<sup>f</sup> (...) em consequência da fraca tensão muscular com que o pré-dorso da língua se encosta ao palato”.

E conclui:

“...um enfraquecimento ainda maior da tensão da língua no momento da articulação desse l facilmente redundará na transformação desse l em i, isto é, na sua vocalização”.

No entanto, com o avanço da fonética acústica, em que se pode comprovar através de instrumentais adequados (o espectógrafo, por exemplo) a inadequação da nomenclatura ‘fonema composto’, a ocorrência de fenômenos fonéticos do tipo da iotização do / λ / deve ser creditada à tendência natural do falante em reduzir o esforço articulatório que a emissão do / λ / exige, optando por articulações que se traduzem em menor trabalho dos órgãos fonadores e que produzem no ouvinte um resultado satisfatório, isto é, não afetam a comunicação.

Pode-se entender, portanto, que [ λ ] e o [ i ] como fonemas parcialmente homorgânicos, podem permutar na cadeia sonora, até mesmo por economia fisiológica. EDWARD LOPES (1975), citando Jakobson, lembra que as líquidas (l e lh) são vocálicas e consonânticas, e, por serem fonemas complexos, se neutralizam em português em / y / como em: “caia” > calha; “maia” < malha.

## 6 – OS PRIMEIROS PONTOS DE IRRADIAÇÃO DA IOTIZAÇÃO NA ESPANHA, FRANÇA E NO BRASIL.

É interessante notar que a iotização no Brasil seguiu o caminho inverso do que ocorreu na Espanha e França.

Na Espanha, segundo ALONSO (1961) e NAVARRO TOMÁS (1963), as cidades e, sobretudo, as capitais foram e são os focos de ieísmo, o mesmo ocorrendo nos países

e. O exemplo não é muito adequado, pois, na forma fio, verifica-se a despalatalização com a síncope lh. Melhor seria “fiiio”.

f. No caso de um [ λ ] autêntico, o ar sai pelos lados do canal bucal.

hispano-americanos, constituindo-se a iotização em modalidade cortesã e urbana, enquanto o /ll/ é sentido como tradicional, mas regional.

Na França, conforme atestam BOURCIEZ (1967) e DAUZAT (1950), o ieísmo aparece no século XVII, entre a pequena burguesia parisiense e se estende mais tarde para as províncias.

No Brasil, ao contrário, o ieísmo é forma estigmatizada, sem prestígio social, própria de comunidades incultas, e afastadas dos centros urbanos.

## 7 – REALIZAÇÕES DO / λ / NA FALA POPULAR-PARANAENSE.

Para este trabalho arrolamos 18 itens lexicais, registrados junto a 56 informantes da zona rural de 30 localidades paranaenses por ocasião da pesquisa de campo para o Atlas Lingüístico do Paraná e para o Esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina: alho, cangalha, galho, orvalho, orelha, arco-da-velha, orelha-de-pau, ilha, milho, trilho, silhão, bolha, folha, folha-de-laranja, piolho, piolho-de-cobra, agulha, agulhinha.

Nos vocábulos alho, galho, orvalho, em que a palatal é precedida da vogal [ a ] a manutenção da palatal [ λ ] dá-se em 52% das ocorrências, a despalatalização em [ ly ] em 16%, a iotização em [ y ] em cerca de 26% das ocorrências e a propagação do iode [ yy ] em apenas 3% das ocorrências. Comparando-se os resultados com os das ocorrências no vocábulo cangalha (19% = [ λ ], 47% = [ y ] e 33% = [ yy ], pode-se concluir que, quando se trata de vocábulos de uso restrito ao campo, a tendência à iotização é maior. Não se registrou a síncope da palatal em nenhum destes vocábulos.

Verificou-se que nos vocábulos em que o [ λ ] vem precedido da vogal [ e ] ocorreu o seguinte: alto índice de iotização para orelha-de-pau (52%) e arco-da-velha (68%), provavelmente por serem lexias compostas e por se tratar de vocábulos de uso mais restrito ao campo. No caso de lexia simples e de vocábulo comum a qualquer contexto sócio-cultural, como orelha, o índice de iotização ficou em torno de 25%. O índice de síncope da consoante palatal, para as lexias compostas, ficou em torno de 7%.

Nos vocábulos em que a palatal é precedida da vogal alta / i / = ilha, milho, silhão, trilho, a manutenção da

consoante palatal é de 58% para ilha e milho; a iotização em ilha (4%), de 20% milho, 23% silhão e 36% para trilho. O índice de síncope do [ λ ] foi maior em silhão (71%) e trilho (29%) e apenas 7% para ilha e 4% milho. Quando **milho** era seguido de algum adjetivo, a síncope era mais significativa: miu ibra, miu branco.

Nos vocábulos, em que [ λ ] é precedido de / u /: agulha, agulhinha, a manutenção do [ λ ] deu-se em 55% dos casos e 36% de iotização; em **agulhinha** tivemos 60% de registros em / li / despalatalização, 10% de manutenção de palatal e 30% de iotização.

A presente pesquisa serve sobretudo para se lançarem hipóteses, uma vez que a amostragem é reduzida e a forma de investigação não abrange todas as possibilidades de ocorrências.

Teremos, então, como ponto de partida para estudos de maior fôlego, questionamentos da seguinte natureza: que variáveis são importantes para a iotização: uso restrito do vocábulo na zona rural? escolaridade? faixa etária? E para a manutenção da palatal? Como se dá o fenômeno em lexias complexas e em discurso mais distenso?

QUADRO DE REALIZAÇÕES DO [ λ ]

	/ λ /	/ly/	/l/	/y/	/yy/	φ	TOTAL
Alho	59%	18%	φ	21%	2%	φ	56
Cangalha	19%	φ	φ	47%	33%	φ	21
Galho	56%	14%	φ	24%	5%	φ	55
Orvalho	43%	16%	3%	32%	3%	φ	36
Orelha	46%	26%	φ	19%	6%	2%	52
Orelha-de-pau	30%	9%	φ	48%	4%	8%	23
Arco de velho/velha	19%	6%	φ	62%	6%	6%	16
Ilha	59%	29%	φ	4%	φ	7%	54
Milho	57%	18%	φ	20%	φ	4%	54
Silhão	6%	φ	φ	23%	φ	71%	17
Trilho	20%	15%	φ	36%	φ	29%	45
Folha-de-laranja	33%	11%	φ	56%	φ	φ	18
Bolha	39%	15%	φ	33%	12%	φ	33
Folha	39%	24%	φ	30%	7%	φ	57
Piolho	42%	21%	φ	30%	5%	φ	57
Piolho-de-cobra	26%	9%	φ	61%	φ	4%	46
Agulha	55%	9%	φ	36%	φ	φ	11
Agulhinha	10%	φ	60%	30%	φ	φ	20

## ABSTRACT

*The phonetic phenomenon known as unpalatalization has not been treated orderly and coherently by dictionary makers and linguists as to its terminology, definition, causes and exemplification. This work presents the various focuses main scholars have given to the subject and shows the ambiguities and doubts concerning the popular use of [ λ ]. Based on 18 lexical items of 56 informants from 30 different places in the State of Paraná, multiple possibilities for uttering such a phoneme are described according to its position in the word, lexeme form (simple or compound) and use.*

**KEY WORDS:** *Unpalatalization; Popular speech; Dictionaries; Linguists.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 -- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um atlas lingüístico de Londrina*. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, Concitec, 1988.
- 2 -- ALONSO, Amado. *Estudios lingüísticos (Temas Hispanoamericanos)*. 2.ed. Madrid, Gredos, 1961.
- 3 -- BOURCIEZ, E. et. J. *Phonétique Française (Étude Historique)*. Paris, Klincksieck, 1967.
- 4 -- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1979.
- 5 -- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 10.ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
- 6 -- DAUZAT, Albert. *Phonétique et Grammaire Historiques de la Langue Française*. Paris, Larousse, 1958.
- 7 -- ELIA, Sílvio. *A unidade lingüística do Brasil*. (Condiçõens de geo-econômicos). Rio de Janeiro, Padrão, 1979.
- 8 -- GRAMMONT, Maurice. *Traité de Phonétique*. 5.ed. Paris, Delagrave, 1956.
- 9 -- JOTA, Fólto dos Santos. *Dicionário de Lingüística*. Rio de Janeiro, Presença, 1981.
- 10 -- LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo, Cultrix, 1975.
- 11 -- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1981.
- 12 -- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro, Simões, 1953.
- 13 -- NAVARRO, Tomás, T. *Pronunciación Española*. 11.ed. Madrid, Revista de Filología Española, 1963.
- 14 -- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos em português*. 2.ed. Lisboa, Clássica, 1958.
- 15 -- PENHA, João Alves Pereira. *Aspectos da linguagem de São Domingos: Tentativa de descrição de linguagem rural Brasileira*. França, UNESP, 1972.
- 16 -- RODRIGUES, Aza Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo, Ática, 1964.
- 17 -- SILVA NETO, Serafim de. *Introdução ao estudo de línguas portuguesas no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro, Presença, 1977.
- 18 -- SILVEIRA, Regina Célia Pajdúchi da. *Tratado de Fonologia Portuguesa*. São Paulo, Context, 1986.
- 19 -- ———. *Estudos de fonética do idioma português*. São Paulo, Context, 1987.
- 20 -- TORANZON, Glória. *Un elemento de interés en la fonética española*. Pamplona, Universidad de Navarra, 1974.
- 21 -- WOLFF, Miguel. *Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraniana de Dorizton*. Curitiba, Secretaria de Cultura e do Esporte de Governo do Estado do Paraná, 1981. (Projeto).

Recebido para publicação em 27/07/89